



CRIME NAS RUAS (fragmentos)
Cláudio Guacalupe

Falta-lhe a copa, Árvore
Orbito esquadro
Tronco imperfeito

Sobra-lhe o feio, Árvore
Áspero formato
Retorcido devaneio

Cortam-lhe o verde, Árvore
À pouca sombra
Rubro braseiro

Matam-lhe o ar puro, Árvore
Superfície quente
Farto desleixo

Resta-lhe a ferida, Árvore
Sem cor, sem vista
Sem o esteio!

Furtam-lhe a alma, oh Árvore
Vento de maio
Dor derradeira

Acossem-lhe a dor, Árvore
Sem penças, flores
Nada bucólico

Quebram-lhe o galho, Árvore
Desocultando o negócio
Nécio empresário

Furtam-lhe o sonho, Árvore
Ecossistema medonho
Desértico meio

Emudecem-lhe o canto,
Árvore
O pássaro distante
Calado estrangeiro

Arrasam-lhe a estrutura, Árvore
Nada lhe madura
Neste canteiro

Sem copa, sem folhas
Sem pouso, sem flores
Árvore mecânica
Crime dos prefeitos
E de todos nós!

A ESTUPIDEZ DAQUELES QUE NOS MANDAM CALAR A BOCA

José Heleno Ferreira

O tirano tem medo.
Diante da poesia, diante da arte,
o tirano sente ruir seu trono.

O tirano não suporta a alegria,
o riso, a dança, a empatia.

O tirano não conhece a solidariedade.

Não suporta o diálogo e
diante da crítica, impõe o silêncio,
a obediência, a passividade.

O tirano sabe que não é amado
e vive cotidianamente escondendo-se da verdade.

Preso aos seus medos,
o tirano quer nos roubar a liberdade.

CENSURADO
PARA PROFESSORES

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531 mortos até aqui pela covid-19 em Divinópolis.

Luis Mingau

PARADOXOS DO NOSSO TEMPO

José Heleno Ferreira

Compre uma arma... para combater a violência.

Não leia... para se manter bem informado.

Utilize venenos... para produzir alimentos.

Combata a escola... para salvar a educação.

Mate as minorias... para proteger a família.

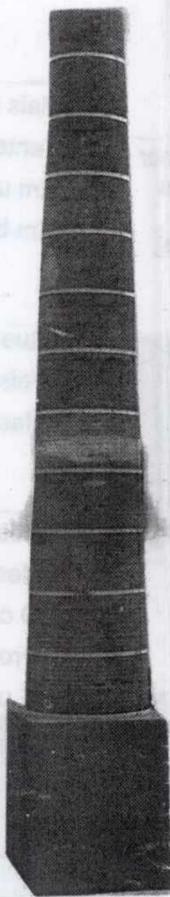
Negue a ciência... para defender o progresso.

E enquanto apregoa-se que a terra é plana,
que a arte e a poesia pervertem as juventudes,
os decretos governamentais fazem aprofundar a miséria
e os arautos de um novo-velhíssimo tempo
gritam e gesticulam em vídeos sensacionalistas
as inverdades que buscam impor à população

Pontapés
with love

Fim de tarde
Marcelo Couto

Hoje te encontrei num vasto campo coberto de flores amarelas.
Teu canto se misturava ao dos pássaros e me guiava em tua direção.
Fazias da dança o teu caminhar, e conforme teu vestido tocava os dentes de leão, suas pétalas
pairavam à tua volta iluminadas pelo crepúsculo, brilhando como se de ti emanasse luz.
Imponente no cimo da colina, o Carvalho ancião contempla conosco o pôr do sol,
e um tronco de madeira que outrora pertencera ao alto de sua copa, nos recebe em repouso,
como um dia fizeram as garças e os pardais.
O capim se entrelaça ao teu cabelo e eu anseio em te tocar, enquanto o vento carrega as
folhas opacas que se desvanecem ao longe, onde a estrada tem seu fim.



ARTEFERIA

POEMAS URBANOS II

Mauro Oliveira

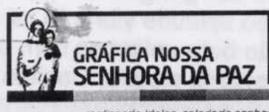
Cidade, algo profano!
Pessoas nuas,
cobertas de pano.

Travestidas pelas ruas.
Envoltas em tecidos
que ocultam as faces suas.

Despem-se às escuras,
à luz da conveniência.
Escondem-se em texturas.

Recorrem a decência
para proibir o que é sagrado
e expor as aparências.

APOIO:



VAI PARA ONDE?

Divinópolis-MG Silvanio Alves

Aos 109 anos de emancipação social e política
Divinópolis, a polis do Divino, foi contaminada
Pelo negacionismo que se infiltrou na prática
A indiferença fez parte do povo um quase nada

A intolerância é um sentimento que faz o mal
A diversidade não vigora, ser diferente é ilegal
Antes a cidade era bem cativante e acolhedora
E hoje, existe apenas uma sombra do que fora

No passado recente havia uma alegria incontida
A alma sonhava com um futuro belo e promissor
Algo perverso aconteceu e a sua sina foi invertida
Alterando o destino da cidade que inspirava amor

O sonho de amor virou um grande e triste pesadelo
Embora o coração se alegre, o espírito se entristece
Na realidade prevalecem a indiferença e preconceito
Todavia, o ser sente falta do que a alma não esquece

CENSURADO

INSTIGANTE

Cidade esperança
Silvanio Alves



A cidade onde moro irradia esperança
E o horizonte reflete o brilho do futuro
Que motiva a fé na qual o povo avança
Eu acredito que a luz ilumina o escuro

Momentos como estes que vivenciamos
E que parecem impossíveis, venceremos
A vida dará a volta por cima; acreditamos
Eu tenho certeza de que isso superaremos

Nossa Divino seguirá o caminho do destino
De luz do qual não deveria ter se desviado
Ser a fonte da felicidade do povo destemido

Todos estamos numa realidade desafiadora
Aprendamos nos unir para sermos vitoriosos
Não há alternativa, precisamos ser corajosos



Exposição da nossa paixão

O ideal seria o nosso encontro em um museu
Para observá-la e absorve-la
Quero caminhar pelos corredores de um museu
E não falar
Só olhar
As obras
O corpo
Os lábios
O jeito de andar
O museu

Com corredores longos demais para nossos passos calmos e demorados
As paredes são altas
e cada passo disputa com o barulho do batimento de nossas caixas torácicas
Um toque ou outro entre obras
Mas nada de falar

As palavras não servem de nada
E agora estamos em procissão
Eu quero te beijar em uma sala de museu
Entre esculturas renascentistas
reliquias e lendas pomposas
Entre os Santos barrocos e as pinturas do início da modernidade
Vamos percorrer

momentos históricos e corpos de texturas que falam
O tapete vermelho e as baias de contenção
São os nossos espectadores
Eu quero te observar até esquecer de mim e do apocalipse
Quero te beijar de coração leve, com batimentos fortes mas serenos
Me sentir segura para não falar
Me sentir segura para não pensar

O que eu mais quero é não pensar
Quero te levar para as salas do museu
Onde a conduta é discreta
Onde a conduta é intensa
No museu

Os olhos são como armas apontadas para as vítimas que despem
Quero apontar as minhas armas para ti e fazer-te despir de todas as contenções
Quero querer os traços e sombras do seu corpo
Quero decorar as dobras do teu rosto
Quero padecer com um toque indiscreto
Quero me entregar total e completamente
E por fim,
Sem medo.

{ Clara Motta }

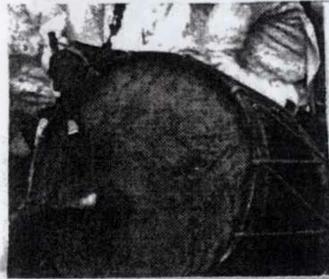
FALTA EDUCAÇÃO

EM TEMPO (Utópicas precisões)
Cláudio Guadalupe

Em tempo, poderíamos recolher o orvalho
Nas verdes árvores, enfim protegidas, em nossa cidade
Poderíamos brincar na alvorada
Na espreita de um novo dia nada poluído pela Gerdau
Poderíamos desativar o ódio
Pendentes nos carros, nas pessoas da avenida central
Poderíamos ter canções
Suaves nas lojas e nas praças para todas as idades

Em tempo, poderíamos cultivar a arte entre jovens
O direito ao lazer feliz num bairro distante
Poderíamos plantar em volta do rio, belo e claro
Para que os pássaros toquem a melodia alegre de verão
Poderíamos nos ajuntar, para coletivamente
Suspender as riquezas e insanidades daqueles do poder
Poderíamos nos surpreender de mãos dadas
Nas ruas por todos os bairros e sítios verdejantes

Em tempo, poderíamos acessar todas as informações
Para formamos crianças e adultos abertos ao diferente
Poderíamos ainda, alcançar a velocidade da luz
Ao distribuir o pão e o vinho em momentos de entrega, de amor
Poderíamos fazer dos templos escuros e fechados aos outros
Espaços para o teatro, a música e encontros pela paz
Em tempo, poderíamos descansar nas tardes, pelas calçadas,
Num único plano de sermos em Divinópolis, sem engano!



POVO SANTO

Marcelo Martins Corrêa

A alegria abre o cortejo real
Abrindo caminhos, nos livrando do mal
As espadas cruzam o ar em sinfonia
O ritmo marca o passo e a harmonia

Coração calejado na forja da fé
São Benedito enche as panelas de pão e café
O suor no rosto é amor e paixão
Confiança de quem acredita na redenção

Nossa Senhora passa o Rosário Santo
Contas de lágrimas que cessa o pranto
Ao pé da cruz fazem a oração
Pedindo ao Cristo, paz e proteção

A realeza trás a coroa da promessa
Cortejo de guerreiros, que sem pressa
As bandeiras trazem o fervor concebido
Santa Efigênia recebe o pedido

Salve seu povo santo mãe querida
Um olhar materno senhora concebida
Fortalecendo os sonhos D'Angola
Moçambique, Congo, Guiné desenrola

Turbante multicolor num bailado de luz
Alegria que contagia e que tudo reluz
Um povo que vê além da aparência
Pois carrega consigo toda decência

A energia das gungas é espalhada
A multidão aplaude vibrante na calçada
O coração bate uníssono com o tambor
O terno guarda alegria, Capitão do amor

readaptar-se ao cenário

O amor é uma puta,
vendida como frango no jornal,
largada como casca na labuta.
No bordel, o centro marginal.

Beirando sua taça, encontram-se pigmentos,
mas também vestígios, talvez rancor.
Trançafiada dor (e seus sepultamentos),
qual nunca saberemos seu sabor.

Ocasionalmente, amanhece-se em seus olhos,
o pavor duma alma esperançada.
Desnorteados, brilhando como dois escaravelhos,
na negritude de uma madrugada.

Zê (João Pedro)



Meu M
Magela GSM

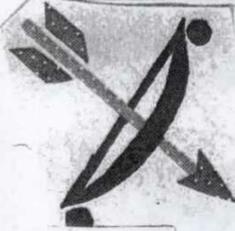
Entra ti em modo Parcimônia,
Mais não perca tua sobriedade
Tente ver a verdade,
Em uma vida com ou sem vaidade
Em busca de um caminho e coragem.

Despertaste dessa balbúrdia
Que entraste em tua vida,
Pois ela pode ser finita,
Mas bem vivida.

Mesmo possessa com tua vida
Não caia nas mentiras,
Mesmo sendo iludido
O caminho não foi perdido,
Procure paz no coração
É uma evolução.

A Lua, vista por dentro

leia



CONTENTO
Raldo

De asas abertas recebe
Estrangeiro, passante
Nativo, migrante
Sonhos, desejos, esperança.
E a todos, ó Divina, oferta
Sem distinção
Promessas de dias melhores.

Todo artista está
preparado para
sofrer por sua
arte

ANO 02 -
EDIÇÃO 05
OUTRAS LEITURAS
ARTE e PRODUÇÃO
ARTEFERIA
JUNHO/2021